



Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Campus Recife
Departamento de Cursos Superiores
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental

DÉBORA SANTANA TORRES

**PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES SOBRE O PROCESSO DE
ORDENAMENTO DA FEIRA LIVRE DE BEBERIBE**

Recife
2022

DÉBORA SANTANA TORRES

**PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES SOBRE O PROCESSO DE
ORDENAMENTO DA FEIRA LIVRE DE BEBERIBE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Tecnologia em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Tecnóloga em Gestão Ambiental

Orientador: Prof. Dr. José Severino Bento

**Recife
2022**

T693p
2022

Torres, Débora Santana

Percepção dos feirantes sobre o processo de ordenamento da feira livre de Beberibe./ Débora Santana Torres. --- Recife: O autor, 2022.
49f. il. Color.

TCC (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Cursos Superiores - DACS, 2022.

Inclui Referências.

Orientadora: Professor Dr. José Severino Bento da Silva.

1. Setor Informal (Economia). 2. Perfil socioeconômico. 3. Feiras livres.
4. Ordenamento urbano. I. Título. II. Silva, José Severino Bento (orientador). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 305.562098131 (22 ed.)

DÉBORA SANTANA TORRES

**PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES SOBRE O PROCESSO DE
ORDENAMENTO DA FEIRA LIVRE DE BEBERIBE**

Trabalho aprovado em 03/02/2022.

Prof. Dr. José Severino Bento da Silva - IFPE

Orientador

Profa. Dra. Marília Regina Costa Castro Lyra - IFPE

Avaliadora interna

Profa. Dra. Wbaneide Martins de Andrade - UNEB

Avaliadora externa

**Recife
2022**

AGRADECIMENTOS

A produção desse trabalho teve o apoio de diversas pessoas e instituições, dentre as quais agradeço:

A Deus, em primeiro lugar, pela condução e oportunidades.

Ao meu professor orientador, que durante todos esses anos nunca deixou de me incentivar.

Aos professores do curso, pois por meio de seus ensinamentos tive a base para a realização dessa pesquisa.

Aos meus colegas de classe, pela amizade que me dedicam até hoje.

A todos os comerciantes que participaram da pesquisa pela disponibilidade, incentivo, ensinamentos e, principalmente, pelo exemplo de luta.

A todos que participaram de forma direta e indireta na obtenção dos dados utilizados, por toda a atenção e apoio.

A minha mãe, que sempre me incentivou nessa jornada.

RESUMO

O comércio informal é uma alternativa utilizada por uma parcela da população que depende deste negócio para sua sobrevivência, em grande parte enfrentando, em muitos casos, condições precárias de trabalho. O atual perfil socioeconômico dos feirantes instalados em área pertencente ao Mercado Público de Beberibe é decorrente das atividades realizadas pelos comerciantes que ocupavam logradouro público antes de ação realizada pela Prefeitura do Recife em 2013. A pesquisa teve como objetivo principal analisar esse reordenamento por meio da avaliação do perfil socioeconômico dos feirantes, através da observação do processo de cadastramento do comércio informal e posterior ação de remoção e acomodação desses comerciantes em área destinada às atividades de feira livre, sendo esses dados utilizados posteriormente para análise dos resultados advindos desse processo de desocupação das vias públicas. Tem como metodologia abordagem qualitativa baseada em estudo de caso, através da observação do processo de cadastramento do comércio informal e posterior aplicação de questionário semiestruturado. Observamos que a intervenção foi de extrema importância para a manutenção das condições de segurança dos feirantes e transeuntes, além da manutenção de condições higiênico-sanitárias das vias públicas e atividades comerciais, sendo grande parte desses comerciantes e consumidores moradores de Recife e Região Metropolitana. Pudemos concluir, portanto, que ainda é necessária a implementação de pontos de melhoria pelo poder público partindo de propostas dos próprios comerciantes realocados.

Palavras-chave: feira, perfil socioeconômico, ordenamento urbano.

ABSTRACT

Informal commerce is an alternative used by a population share that depends on this kind of business for their own survival, working, in many cases, with precarious conditions. The current socioeconomic profile of the vendors installed in an area belonging to the Public Market of Beberibe is a result of the performed activities by traders who occupied public places before the action done by the City Hall of Recife in 2013. The main objective of the research was to analyze this reordering through the evaluation of the socioeconomic profile of the marketers, through the observation of the process of registration of the informal trade and subsequent action of removal and accommodation of these traders in an area destined to the activities of the

Street Fair/public fairs, using these data later to analyze the results from this process of vacating the streets public. Its methodology is a qualitative approach based on a case study, through the observation of the informal trade registration process and subsequent application of a semi-structured questionnaire. We observed that the intervention was extremely important to maintain the safety conditions of the traders and passersby, and maintaining the hygienic-sanitary conditions of public roads and commercial activities, with a large part of these merchants and consumers living in Recife and the Metropolitan Region. We were able to conclude, therefore, that it is still necessary to implement points of improvement by the government based on proposals from the relocated traders themselves.

Keywords: fair, socioeconomic profile, urban planning.

Dedico esse trabalho a minha mãe, pelo apoio incondicional nos bons e maus momentos de minha vida.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Quadro resumo das condições de trabalho obtidas após o ordenamento	44
Tabela 02: Percepção do ordenamento realizado após a remoção dos comerciantes das áreas de entorno	45
Tabela 03: Organização da feira após o ordenamento, segundo os feirantes.	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Características da feira livre e das redes de supermercado	16
Figura 02: Projeto original da Praça da Convenção de Beberibe	18
Figura 03: Monumento erguido em 1972: obra de Abelardo da Hora em homenagem aos heróis pernambucanos de 1821	18
Figura 04: Coreto localizado na Praça da convenção de Beberibe	19
Figura 05: Praça da Convenção de Beberibe, local bastante utilizado para atividades de socialização.	20
Figura 06: representação da estrutura organizacional da gerência de GGMF e agentes ligados a ela (2015).	22
Figura 07: Entrada do Mercado Público de Beberibe, após ordenamento de 1985.	24
Figura 08: Acúmulo de lixo na entrada do Mercado Público de Beberibe.	28
Figura 09: Circulação de veículos comprometida pela presença do comércio de forma desordenada.	29
Figura 10: Calçadas ocupadas com ambulantes e transito de pedestres na faixa de rolamento.	29
Figura 11: Calçadas ocupadas com ambulantes e transito de pedestres na faixa de rolamento.	30
Figuras 12: Exposição de gêneros alimentícios sem condições de refrigeração e/ou higiene.	30
Figuras 13: Exposição de gêneros alimentícios sem condições de refrigeração e/ou higiene.	31
Figura 14: Carga e descarga realizada em horários de grande circulação de veículos.	31
Figura 15: Pesquisa de campo realizada, com levantamento social na área (2013)	32
Figura 16: Equipamento instalado na entrada do pátio de Feira de Beberibe.	32
Figura 17: Demarcação dos lotes e montagem das bancas de feira na área destinada a acomodação dos feirantes.	33
Figuras 18 e 19: Retirada de barracas da rua lateral (acesso) do Mercado público de Beberibe.	34
Figura 20: Distribuição dos comerciantes por tipo de produto/serviço.	35
Figura 21: Fiteiros defronte a Escola Pedro Celso antes do processo de remoção.	36
Figura 22: Áreas ocupadas pelos comerciantes cadastrados antes da ação de ordenamento.	37
Figura 23: Local onde trabalhava antes do ordenamento (2013) e após (2016)	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Distribuição das feiras livres por Região Político Adnistrativa - RPA	22
Quadro 02: Quadro resumo do perfil sócioeconômico analisado	40
Quadro 03: Quadro resumo do perfil sócioeconômico analisado.	42
Quadro 04: Sugestões de melhoria propostas pelos comerciantes entrevistados em 2016.	47

LISTA DE SIGLAS

BPTran	Batalhão de Polícia de Trânsito
Celic	Central de Licenciamento
Csurb	Companhia de Serviços Urbanos do Recife
CTTU	Companhia de Trânsito e Transporte Urbano
Dircon	Diretoria de Controle Urbano
Emlurb	Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife
GCMR	Guarda Civil Municipal de Recife
Geop	Gerência de Operações
GGMF	Gerência Geral de Mercados e Feiras
PCR	Prefeitura da Cidade do Recife
RPA	Região Político-Administrativa
Semoc	Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 A FEIRA LIVRE E A MODIFICAÇÃO DO COMÉRCIO NAS CIDADES	15
3.2 RECIFE E SUA ORIGEM	16
3.3 PRAÇA DA CONVENÇÃO – CENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE PERNAMBUCO	17
3.4 PRAÇA DA CONVENÇÃO COMO ESPAÇO LIVRE	19
3.5 MOBILIDADE E CONTROLE URBANO	20
4. METODOLOGIA	23
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	23
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
4.2.1 Delineamento da pesquisa	25
4.2.2 Coleta e análise de dados	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EXPERIMENTAL	27
5.2 ETAPAS DA OPERAÇÃO	28
5.3 LEVANTAMENTO SOCIOECONÔMICO	35
5.3.1 Perfil Socioeconômico dos comerciantes	37
5.3.2 Sugestões de melhoria	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE 01: Perguntas utilizadas no levantamento de dados	50

1 INTRODUÇÃO

Recife é considerada a cidade dos mascates, título proveniente de lutas ocorridas em Pernambuco em 1710, quando o Recife se tornou vila fruto da sua prosperidade econômica. Naquela época a nova classe, os mascates, já faziam crescer o comércio dentro das atividades mercantis que se criara em torno do porto - surge, assim, o perfil da cidade do Recife (FCCR, 2017). Dentro desse contexto, e em paralelo a ele, as feiras se originaram, reunindo-se periodicamente em alguns pontos pré-determinados para vender seus produtos à população ou mesmo realizar trocas. Com o passar do tempo o número de comerciantes foi aumentando e ocupando várias áreas conforme as necessidades da população local, contudo muitas dessas áreas eram ou passaram a ser inadequadas ao comércio, tendo o poder público que intervir com o objetivo de orientar, ordenar, disciplinar e fiscalizar. Em Recife existem 34 mercados públicos que traduzem os costumes e a cultura de sua população.

O pátio de feira livre de Beberibe, localizado no bairro do mesmo nome, foi concebido inicialmente para que os feirantes irregularmente instalados na Praça da Convenção fossem removidos, devolvendo a praça à comunidade local. O comércio no pátio de feira era predominantemente composto pelo setor de sacaria (ração e cereais) e hortifrutigranjeiros.

Com o passar do tempo o comércio informal cresceu e voltou a invadir, desta vez não apenas a praça, mas também calçadas e faixas de rolamento, prejudicando a circulação de pessoas e veículos, ocupando de forma irregular espaços destinados a mobilidade da cidade. As bancas de feiras sem condições de higiene e segurança, expunham os feirantes a situações de risco. O crescimento rápido e desordenado causava problemas de ordem sanitária, visto que ao final do dia o lixo permanecia no local promovendo mau cheiro, prejudicando a estética do local além de abrigar parasitas e vetores como ratos e baratas.

O comércio irregular ocupou toda a Praça da Convenção de Beberibe e, crescendo continuamente, as pessoas passaram a comercializar em calçadas e outros logradouros públicos, aumentando assim o risco para comerciantes e clientes que competiam com carros e motos pelo mesmo espaço, nas ruas do entorno da praça.

Dessa forma, a necessidade de ordenar as vias públicas deve, entre outros aspectos, levar em consideração o problema social da falta de emprego formal que afeta uma parcela considerável da população da mesma forma que deve atender as necessidades de locomoção da população e trânsito de veículos – a mobilidade urbana.

É nesse sentido que foi elaborado este trabalho que descreve como foi executado esse

planejamento operacional, apontando os problemas e apresentando as soluções de forma a viabilizar o ordenamento urbano sem prejuízo a questão social ora exposta, a partir da proposta de relocação do comércio existente na área.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar o processo de intervenção da Prefeitura do Recife, para o ordenamento territorial e do uso e ocupação do solo no entorno do Mercado Público de Beberibe

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar análise socioeconômica do cadastro utilizado para identificação e alocação dos feirantes no pátio de feira livre de Beberibe;
- Apresentar a proposta de reordenamento e setorização/distribuição dos bancos de feira de acordo com o tipo de produtos comercializados;
- Analisar o processo de reordenamento dos espaços de circulação na área interna do Mercado (pátio da feira);
- Analisar o processo de desobstrução das vias públicas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As feiras livres existem no Brasil desde a colônização portuguesa e, apesar dos "tempos modernos" e dos "contratempos" que elas causam nas grandes cidades, elas são essenciais e em muitas cidades do Brasil o principal e, às vezes, o único local de comércio. As feiras livres tem uma função social não apenas como mercado, mais também como espaços de convivência, de cultura e de lazer (PINTAUDI, 2006). A existência das feiras se funde ao surgimento da cidade por possibilitar atividades comerciais que instigaram a comunicação entre grupos (SOUZA, 2015).

Elas surgiram quando as pessoas começaram a reunir-se periodicamente em algum ponto da cidade para comercializar seus produtos. Assim, passou a ser uma marca local, uma característica da comunidade onde está introduzida. No entanto, com o crescimento das cidades e o aumento da demanda o comércio também cresceu e, na ausência de um controle de ordenamento do espaço público as feiras se alastraram em todas as direções.

As feiras livres existem no Brasil desde o tempo da colônia. Primeiro, como o principal centro do comércio da cidade e/ou da região e atualmente como espaços de comércio alternativo. Nas periferias das cidades contemporâneas, as feiras livres possuem muitas vezes o papel de ser o principal equipamento responsável pelo abastecimento, principalmente nas comunidades que não possuem grandes redes de supermercado. As feiras são locais de comercialização não apenas de produtos alimentícios, mais também de vestuário, produtos eletrônicos, ferragens e serviços, dentre outros (CAVALCANTI, 2014)

3.1 A FEIRA LIVRE E A MODIFICAÇÃO DO COMÉRCIO NAS CIDADES

A dinâmica da feira livre muda de acordo com o contexto social da comunidade onde está inserida assim como da pressão sofrida pelo poderio econômico das grandes organizações. Nesse contexto, a feira livre que já foi o lugar de "nascimento" das cidades passa a ter um papel quase secundário. Temos como exemplo o conflito entre o comércio da feira livre e o das grandes redes de supermercados que são muitas vezes sentidas pelos feirantes como ameaça a sua própria sobrevivência, sendo a expansão das grandes redes uma das causas da queda do movimento dos centros de comércios populares (mercados e feiras).(CAVALCANTI, 2014)

As relações que se estabelecem entre os comerciantes e clientes no ambiente da feira livre é bem diferente das relações estabelecidas entre os clientes e as redes de mercado

(supermercados). Enquanto a feira livre revela um traço cultural da cidade, apresenta uma organicidade e são estabelecidos laços de amizade entre clientes e comerciantes, na rede de supermercado as relações são impessoais e o ambiente possui um padrão de organização para estimular o consumo (Figura 01)

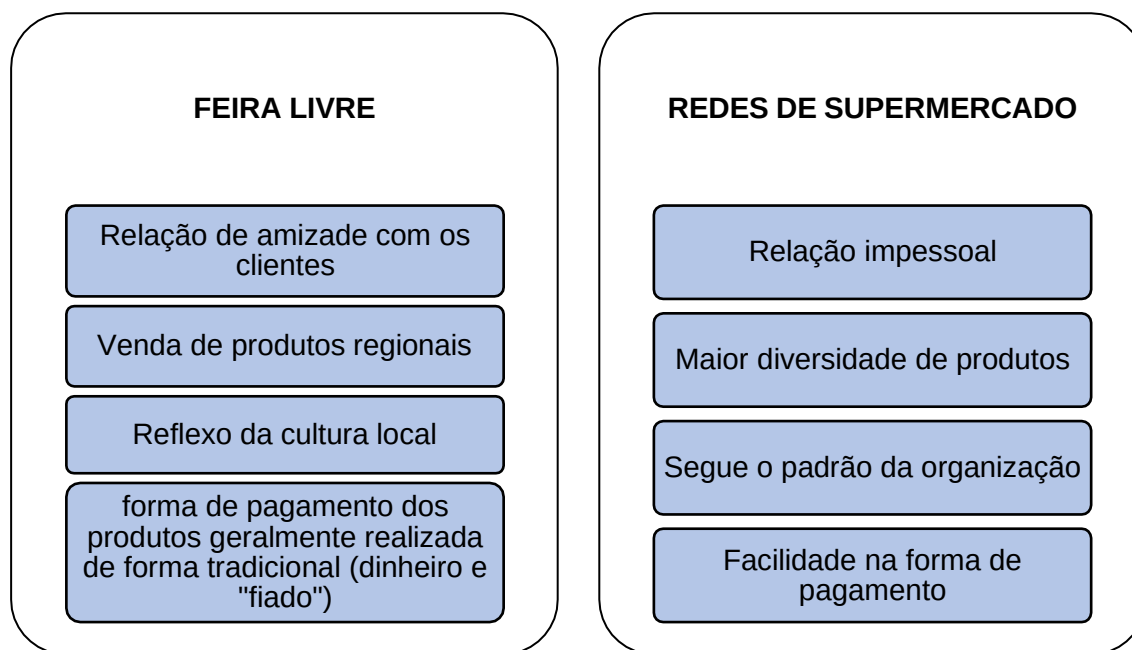


Figura 01: Características da feira livre e das redes de supermercado. Fonte: a autora.

3.2 RECIFE E SUA ORIGEM: “metade roubada ao mar, metade à imaginação¹”

Recife existe como porto, centro comercial marítimo, mesmo antes de se tornar cidade, tendo origem no século XVI, quando era uma estreita faixa de areia protegida por uma linha de arrecifes. O Porto do Recife era o mais movimentado da América de domínio português, e em seu entorno formou-se um povoado com cerca de 200 habitantes, em sua maioria, marinheiros, carregadores e pescadores (o assentamento ocupava a península correspondente ao que é hoje o Bairro do Recife). (PCR, s.d.)

Por se tratar de região portuária suas atividades comerciais desenvolveram-se rapidamente impulsionando o crescimento do povoado e, em 1537, a constituição da Vila do Recife foi registrada. No século XVII, com seu desenvolvimento, o porto prosperou favorecendo a expansão da vila que então toma forma de cidade pois, em paralelo, a atividade açucareira também cresceu fazendo com que as margens dos cursos d'água passassem a ser

¹ Carlos Pena Filho

ocupadas por engenhos e casebres enquanto os rios tornaram-se caminhos navegáveis para transporte dos produtos. Em 1630 os holandeses dominaram todo o litoral pernambucano e a cidade dos arrecifes, onde edificaram e fizeram prosperar, na entrada do porto, seus domínios (mesmo tendo a invasão sido iniciada em Olinda os holandeses se estabeleceram nas terras baixas do Recife pois o sítio de Olinda não favorecia aos seus interesses militares e comerciais e, também, pela semelhança do Recife com a Holanda). Desse modo, colonos, soldados, habitantes de Olinda e imigrantes judeus iniciaram a ocupação da Vila do Recife. (IBGE, 2017)

A partir do Século XVIII, após a expulsão dos holandeses, o desenvolvimento da cidade se apoia no comércio externo e a urbanização portuguesa incide predominantemente sobre o antigo território holandês de forma espontânea. No Século XIX, a cidade já apresenta um tecido densamente urbanizado que corresponde ao atual centro histórico surgido dos aterros das áreas alagadas e mangues (IBGE, 2017; PCR, s.d.)

Fundado às margens do Rio Beberibe, o povoado tem seu primeiro registro, de forma mais expressiva, datado do século XVIII (porém uma de suas localidades mais antigas remontam do século XVI), sendo palco de fatos históricos importantes como a Revolução Praieira e a Convenção de Beberibe, além de ter o fato peculiar ter sido um “presente de casamento”

3.3 PRAÇA DA CONVENÇÃO – CENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE PERNAMBUCO

A Praça da Convenção (Figura 02), no Bairro de Beberibe, marca o lugar onde eram sediadas as reuniões do movimento separatista conhecido como Convenção de Beberibe, que converteu Pernambuco na primeira província brasileira independente de Portugal, com a destituição do governador português Luiz do Rego, em 1821, e a instituição de um governo provisório, presidido por Gervásio Pires Ferreira. A Praça, com aproximadamente 2.562,09 m², situa-se nas terras das primitivas matas de Beberibe, onde foi assinada a Convenção e revela o processo de lenta urbanização ocorrido nas primeiras décadas do século 20, posteriormente atingido por uma desenfreada e brutal ocupação, especialmente nos últimos trinta anos. É possível que o espaço da Praça se tivesse mantido livre desde sempre, valorizado que era por residências respeitáveis, dentre as quais merecia destaque um palacete azul com um torreão, denominado 'Casa do Pavão', por conta das figuras destas aves e de outros elementos da natureza que nele foram pintados.

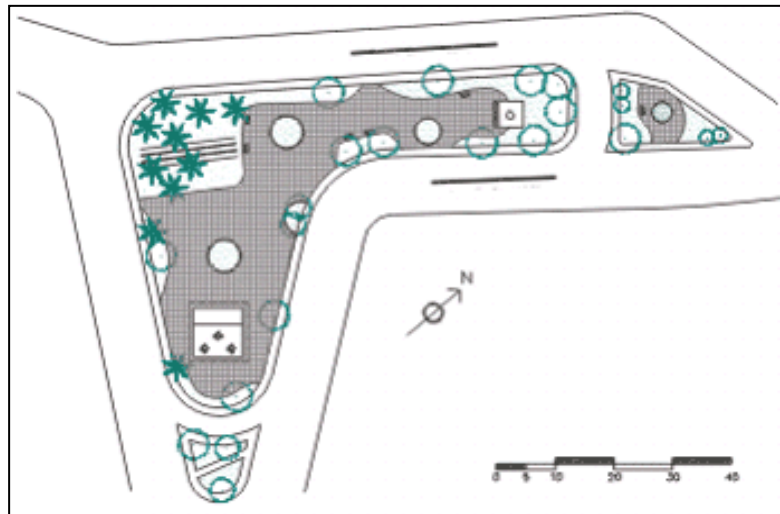


Figura 02: Projeto original da Praça da Convenção de Beberibe. Fonte: [Meio Ambiente \(recife.pe.gov.br\)](http://MeioAmbiente(recife.pe.gov.br))

Todavia, a iniciativa para sua definitiva configuração como praça, partiu do prefeito Augusto Lucena por ocasião das comemorações do Sesquicentenário da nossa Independência, em 1972 (projeto de Ridete Tavares, sendo reformada em 1994), quando ali fez erguer um monumento aos heróis da Convenção de Beberibe, com 8 metros de altura, da autoria do escultor Abelardo da Hora (Figura 03). (PCR, 2016)



Figuras 03: Monumento erguido em 1972 - obra de Abelardo da Hora em homenagem aos heróis pernambucanos de 1821. Fonte: [Meu bairro... Moro aqui: Beberibe \(agendaculturaldorecife.blogspot.com\)](http://MeuBairro...MoroAqui:Beberibe(agendaculturaldorecife.blogspot.com))

É provável que modificações posteriores tenham conferido à Praça a sua atual forma irregular e estrangulada, em meio a um agitado centro de comércio popular, que teve a área reduzida provavelmente diante das necessidades de expansão do sistema viário. Isso se reflete, aliás, na distribuição dos componentes da Praça, onde se ressalta a existência de dois pontos distintos: o monumento à Convenção e um coreto (Figura 04).



Figura 04: Coreto localizado na Praça da convenção de Beberibe. Fonte: <http://i0.wp.com/1.bp.blogspot.com/>-

Árvores remanescentes das matas de Beberibe marcam presença na praça, ali criando um espaço que oferece, como principal atividade, o jogo de dominó, com a participação constante dos moradores.

3.4 PRAÇA DA CONVENÇÃO COMO ESPAÇO LIVRE

A discussão sobre o conceito de espaço livre é importante, visto que a manutenção desses espaços de convivência que são utilizados e/ou subutilizados muitas vezes, não são compreendidos pela população usuária. O espaço livre “é todo o espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço- água, espaço-luz ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso” (MAGNOLI, apud ROSAL, p. 22, 2008)

Considerando o conceito o espaço livre como espaço não edificado, a Praça da Convenção é um importante espaço livre de acesso público (Figura 05) utilizado para várias práticas sociais de lazer (a exemplo do jogo de dominó, tradicional na área). Além de área de

lazer funciona como importante área de circulação de ar e de insolação, de manutenção da vida pública e espaço que permite a apresentação dos diversos monumentos históricos presentes na área e que fazem parte da sua identidade, referendando sua importância histórica. “Os espaços livres públicos localizados nos centros urbanos metropolitanos tendem a potencializar relações duradouras na sociedade que utiliza esses espaços e atingem um público amplo e diversificado” (MAGNOLI, apud ROSAL, p. 39, 2008)

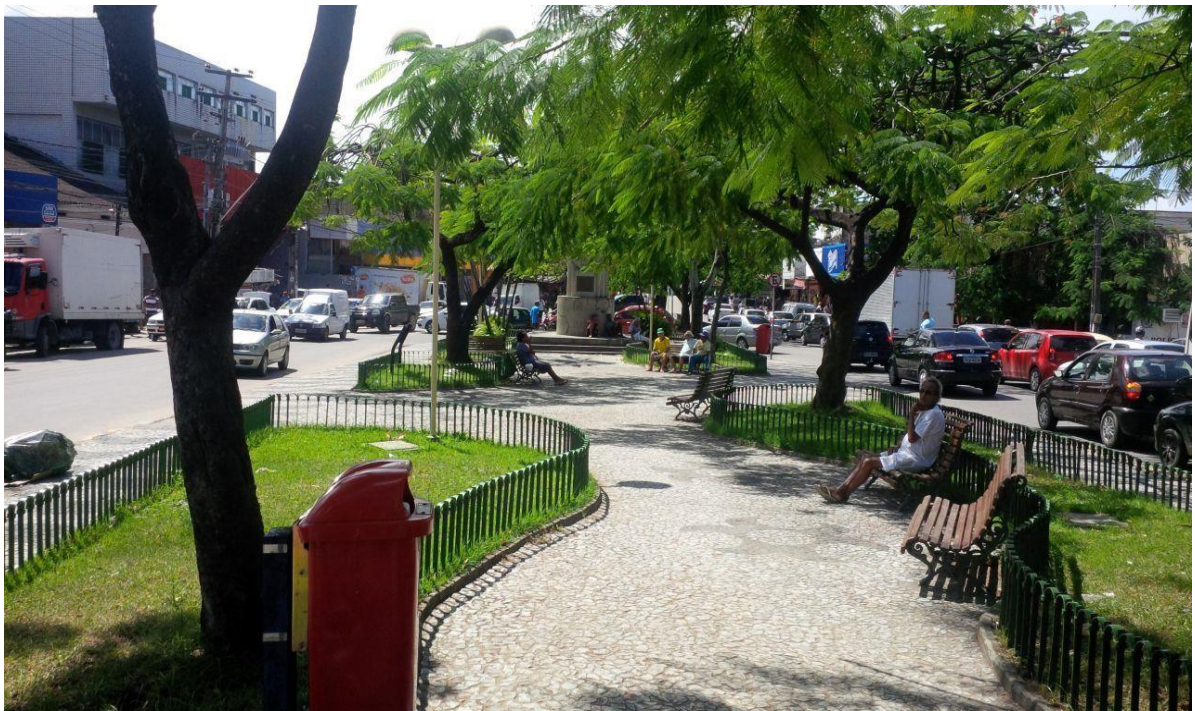


Figura 05: Praça da Convenção de Beberibe, local bastante utilizado para atividades de socialização. Fonte: arquivo pessoal.

3.5 MOBILIDADE E CONTROLE URBANO

A cidade do Recife possui uma Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano (SEMOC) a qual é responsável por garantir as condições de deslocamento das pessoas na cidade, cuidando das principais vias de acesso, como as calçadas, ciclovias e corredores viários. Para assegurar a mobilidade dos recifenses, a secretaria tem como missão disciplinar o comércio informal, para que ambulantes não ocupem faixas de rolamento de vias e calçadas, facilitando o deslocamento de pedestres e a fluidez do transporte público.

A estrutura da SEMOC inclui a Companhia de Trânsito e Transporte Urbano (CTTU), que cuida da gestão do trânsito, a Diretoria de Controle Urbano (Dircon), responsável por ordenar e fiscalizar o uso e ocupação do solo, a Central de Licenciamento

(Celic), responsável pelo licenciamento urbanístico e a Companhia de Serviços Urbanos do Recife (Csurb), que gerencia as feiras e mercados do Recife (RECIFE, 2014).

A Companhia de Serviços Urbanos do Recife é responsável pela administração de 21 mercados públicos e 9 centros de comércio popular, além das feiras livres, suíças e agroecológicas. A Csurb possui três atribuições principais:

- Administração dos mercados públicos municipais, que inclui manutenção, segurança e ordenamento dos permissionários;
- Organização, fiscalização e regulamentação das feiras livres da cidade;
- Disciplinamento e fiscalização do comércio informal do Recife, atividade que volta a ser responsabilidade da companhia em 2013.

A estrutura organizacional da Csurb foi definida pelo Decreto nº 25.210 de 28 de abril de 2010, que dispõe sobre o funcionamento e a administração dos Mercados Públicos, Centros Comerciais e Equipamentos Especiais de Comercialização do Município do Recife. No que concerne as feiras, a permissão para o uso do espaço do solo urbano ainda não se dá de forma onerosa, porém os feirantes são subordinados ao cumprimento das obrigações tratadas neste Decreto e no regulamento, podendo ser convocados conforme necessidade do município para fins de recadastramento e fiscalização. De acordo com o art. 6º do decreto compete à CSURB proceder a gradual setorização, visando uma melhor distribuição das áreas por ramos de atividade, com vistas à racionalização do uso dos espaços, ao fluxo de mercadorias e pessoas, higiene sanitária e segurança alimentar, assegurado o interesse público.

São administrados pela Gerência Geral de Mercados e Feiras - GGMF, tendo como uma de suas subdivisões a Gerência de Mercados e Feiras (as outras são os setores de operação, que trata da observação do ordenamento dos diferentes boxes/bancos de feira que compõem o equipamento e setores de manutenção, responsável pela manutenção “macro” do equipamento. Já a Gerência de Mercados e Feiras está ligada a cada Mercados Públicos, Centros Comerciais e Equipamentos Especiais de Comercialização através dos agentes públicos elencados abaixo

Gerentes de RPAs: responde pessoal e diretamente pelas condições normais de funcionamento dos Mercados Públicos, Centros Comerciais e Equipamentos Especiais de Comercialização que estejam inscritos na sua RPA

Administrador do Mercado, Centro Comercial e Equipamento Especial de Comercialização: responde pessoal e diretamente pela administração do equipamento,

incluindo a coordenação dos funcionários. Entre as atribuições do administrador, (art. 9º, inciso III) - Impedir a instalação de barracas fixas ou removíveis nas **áreas de entorno do Mercado**, Centro Comercial e Equipamento Especial de Comercialização, ficando sujeitas, as já existentes, em caráter precário, à mesma disciplina dos feirantes regulares;

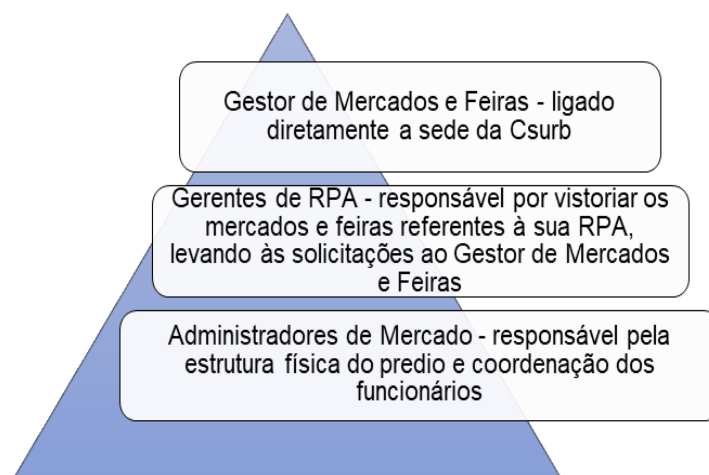


Figura 06: representação da estrutura organizacional da gerência de GGMF e agentes ligados a ela (2015).

A Csurb é responsável pela administração de 18¹ feiras livres em toda a cidade, com um total de aproximadamente 2.900 bancas. A RPA 02, onde está localizado o Mercado Público de Beberibe, é a região que concentra maior quantidade de feiras livres (Tabela 01).

Quadro 01: Distribuição das feiras livres por Região Político Administrativa - RPA

REGIÕES POLÍTICO ADMINISTRATIVAS	FEIRAS EXISTENTES
Região Política Administrativa – RPA 01	Feira do Cais de Santa Rita
Região Política Administrativa – RPA 02	Feira Nova de Água Fria Feira de Beberibe; Feira do Arruda; Feira da Encruzilhada; Feira Alto do Deodato
Região Política Administrativa – RPA/03	Feira Casa Amarela Feira Nova Descoberta
Região Política Administrativa – RPA/04	Feira Bomba Grande Feira do Cordeiro; Feira da Várzea; Feira do Engenho do Meio Feira de Roda de Fogo
Região Política Administrativa – RPA/05	Feira da Mustardinha Feira de Afogados
Região Política Administrativa – RPA/06	Feira do Jordão; Feira do Ibura UR – 01

¹ Dados atualizados em 2020

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, baseada em estudo de caso. Isso é verificado, principalmente, através de três características apresentadas por Lüdke e André (1986): (i)- os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de relatórios operacionais. (ii)- a análise dos dados tende a seguir um contexto indutivo, porém isso não implica a inexistência de um quadro teórico que oriente a coleta e a análise dos dados. (iii) - nesse tipo de estudo há sempre a tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.

Dentro de uma abordagem qualitativa, ela se apresenta (em algumas características) como um estudo de caso (LÜDKE E ANDRÉ, 1986): (i) -os estudos de caso visam à descoberta. As descrições são feitas com base em observações de campo (ii)- Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. Ao desenvolver o estudo de caso, o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos e em situações variadas. (iii)- Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Para a realização desse trabalho foram analisados os processos de cadastramento e da operação de remoção e acomodação dos comerciantes informais na área interna do pátio de feira de Beberibe. Em seguida foi realizada a análise socioeconômica do cadastro do banco de dados da Companhia de serviços urbanos do Recife - CSUR utilizado pelo poder público municipal. O mesmo questionário foi utilizado para a coleta de dados com os feirantes que permaneceram no pátio da feira após a conclusão do projeto de remoção da Prefeitura do Recife. Com esses cadastros foram compilados os dados socioeconômicos dos feirantes, tipologia do comércio (barracas de lona, barracas de zinco, barracas fixas, carros de mão etc), objeto de comercialização (frutas, verduras, sulanca, artigos de fiteiros). Foi avaliado também a setorização/distribuição dos bancos de feira de acordo com o tipo de produtos comercializados e espaços de circulação na área interna do pátio da feira e a desobstrução das vias públicas.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Mercado público de Beberibe está localizado na Praça da Convenção, Região Política Administrativa – RPA 02, no bairro de Beberibe. O Mercado de mesmo nome surgiu

da iniciativa privada, ainda na década de 50. Nos anos 80 o mercado encontrava-se completamente abandonado, quando a Prefeitura do Recife desapropriou-o e realizou ampla reforma, com divisão interna para atender 54 boxes. A inauguração do espaço como mercado público (Figura 08) ocorreu em 12 de novembro de 1985. Atualmente o mercado dispõe de comércio variado, com destaque para a venda de cereais e serviços. Na feira, na parte de trás do mercado, comercializa-se frutas, verduras, legumes e cereais, entre outras coisas.



Figura 07: Entrada do Mercado Público de Beberibe, após ordenamento de 1985. Fonte: google

Em atendimento ao decreto municipal nº 25.210/2010, no mercado e pátio de Feira de Beberibe são realizadas as seguintes ações de manutenção:

- Descarte e limpeza - Trata-se de um mutirão de limpeza, envolvendo diversos órgãos do setor público (Emlurb) e privado (serviço terceirizado), com o objetivo de melhorar as condições estruturais e sanitárias dos mercados públicos.
- Limpeza dos mercados e pátios de feiras - São realizadas varrições diárias e medidas de manutenção constante na limpeza dos espaços comuns dos mercados (banheiros, e acondicionamento do lixo para posterior coleta da Emlurb).
- Lavagem dos mercados e pátios de feiras - Lavagens com jatos de alta pressão, utilizando desengraxante, desinfetante e cloro em todas as áreas dos mercados, tais

como: banheiros, lixeiras e corredores.

- Caixa d'água e cisternas: Lavagem e higienização das caixas d'água e cisternas dos Mercados Públicos Municipais e Pátios de Feiras.
- Controle ambiental - Acompanhamento e controle das desinsetizações e desratizações feitas periodicamente no mercado e pátio de feira.
- Manutenção corretiva - Serviços rápidos e emergenciais, que corrigem os problemas do dia a dia dos mercados e pátios de feiras, a exemplo de troca de lâmpadas, substituição de equipamentos sanitários, disjuntores queimados etc.
- Programação diária nos mercados - Planejamento e atendimento das solicitações feitas através da central de monitoramento e de circular interna encaminhada pelos administradores à Csurb. Diante do pedido, procura-se identificar o problema e apresentar alternativa de resolução. Isso se aplica a problemas elétricos, hidráulicos, desobstrução de galerias, dentre outros.
- Fiscalização e ordenamento - Ação de controle e acompanhamento da utilização dos espaços autorizados para comercialização, tanto pelos mercados quanto pelas feiras livres. Há equipes de fiscalização distribuída nas áreas interna e externa
- Plantão nos mercados - São atendimentos emergenciais realizados nos mercados e pátios de f5.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.2.1 Delineamento da pesquisa

Tem como base os pontos a seguir:

1. Levantamento do número de pessoas que foram catalogadas em 2013, através da análise de dados secundários coletados na Prefeitura do Recife;
2. Delimitação da amostra: feirantes que foram realocados para o pátio de feria e que permaneceram no local em 2016;
3. Feirantes que permaneceram no local destinado a acomodação dos comerciantes durante ação realizada em 2013.
4. Dados coletados em pesquisa realizada em 2016.

Os comerciantes foram relocados para o Pátio de Feira de Beberibe, em terreno

localizado atrás do mercado público. Durante esse período, compreendido entre 2013 e 2016, muitos deles evadiram do pátio de feira restando apenas 19 feirantes no local. Assim, em 2016 foi realizado novo levantamento com os comerciantes que permaneceram do local do reordenamento.

4.2.2 Coleta e análise de dados

Foi realizada coleta de dados primários, onde os participantes foram identificados através de códigos para que a identidade de cada um não fosse ligada diretamente as respostas dadas. Teve como justificativa o número reduzido de pessoas que permanecem no local.

Os dados obtidos de perguntas abertas foram categorizados de modo a agrupar percepções similares, conforme observado em questionário anexo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 ORDENAMENTO DO PÁTIO DA FEIRA LIVRE DE BEBERIBE

O pátio de feira livre de Beberibe foi concebido inicialmente para que os feirantes irregularmente instalados na Praça da Convenção fossem transferidos, devolvendo assim a praça para a população. O comércio no pátio de feira era predominantemente composto pelo setor de sacaria (ração e cereais) e hortifrutigranjeiros.

Porém com o passar do tempo o comércio informal tomou novamente áreas não autorizadas, muitas vezes sem condições de higiene adequadas e com feirantes expostos ao risco de comercializar em locais com auto fluxo de veículos. Dessa forma, em 2013 foi organizada uma operação que visou o ordenamento do comércio local, sendo envolvidos para isso diversos atores ligados não apenas a prefeitura, mas também do governo do estado.

A operação para revitalização do Mercado de Beberibe e seu entorno teve como objetivo organizar o centro comercial, facilitando o fluxo de pessoas nas calçadas e desobstruir os corredores de transporte público da cidade, promovendo a mobilidade urbana. Sob a coordenação da Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano da Prefeitura da Cidade do Recife, através de sua Diretoria de Controle Urbano – Dircon, contou com a participação dos seguintes órgãos; Companhia de Serviços Urbanos do Recife - Csurb, Guarda Civil Municipal de Recife - GCMR, Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife - Emlurb, Vigilância Sanitária do Recife, Companhia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife - CTTU, Serviço de Atendimento Médico de Urgência - SAMU, 11º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco - BPMPE e; batalhão de Trânsito - BPTran.

A interação entre os diversos órgãos durante a operação teve como objetivo proporcionar um melhor resultado a partir do momento em que as ações de limpeza, manutenção, segurança, fiscalização sanitária e controle de trânsito são executadas de forma sinérgica, diminuindo esforços.

O ordenamento foi concebido a partir da análise das condições do comércio do entorno do Mercado Público de Beberibe, com destaque para os problemas de:

- Falta de acessibilidade - causada pela ocupação das calçadas por feirantes;
- Dificuldade na mobilidade - causada pela ocupação na Rua Uriel de Holanda (corredor de grande circulação de veículos) por bancas de feira instaladas em plena via;

- Ausência de segurança para os pedestres, ciclistas e frequentadores da feira – pela disputa de espaço de circulação com veículos;
- Ausência de segurança dos feirantes - expostos a acidentes provocados pela situação irregular de trabalho;
- Prejuízo a saúde pública - pela deposição irregular do lixo produzido nas atividades da feira.

5.2 ETAPAS DA OPERAÇÃO

A operação de reordenamento foi dividida em quatro etapas.

Identificação de Campo

Etapa I – identificação e levantamento social: Foram realizadas visitas prévias a área correspondente a ação para a identificação dos principais problemas e da dinâmica da feira livre.



Figura 08: Acúmulo de lixo na entrada do Mercado Público de Beberibe.
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 09: Circulação de veículos comprometida pela presença do comércio de forma desordenada. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 10: Calçadas ocupadas com ambulantes e transito de pedestres na faixa de rolamento. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 11: Calçadas ocupadas com ambulantes e transito de pedestres na faixa de rolamento.
Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 12: Exposição de gêneros alimentícios sem condições de refrigeração e/ou higiene.
Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 13: Exposição de gêneros alimentícios sem condições de refrigeração e/ou higiene.
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 14: Carga e descarga realizada em horários de grande circulação de veículos.
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 15: Pesquisa de campo realizada, com levantamento social na área (2013).
Fonte: arquivo pessoal.

Aos 12 dias do mês de janeiro de 2013 foi realizado um levantamento social dos ambulantes que ocupavam logradouro público (Avenida Beberibe, Rua Uriel de Holanda), Cobal e Mercado Público de Beberibe. Após o levantamento e tabulação das informações colhidas foi realizado diagnóstico da realidade da área acima citada desencadeando a operação de reordenamento de parte do pátio de feira livre de Beberibe (área descoberta) e toda a área de entorno.

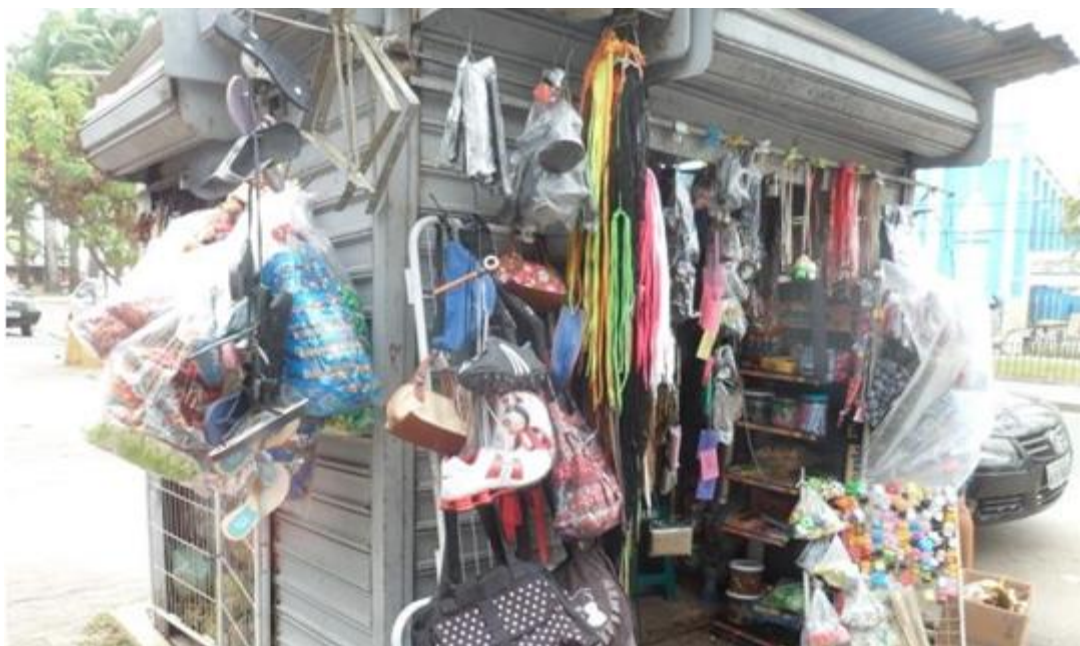


Figura 16: Equipamento instalado na entrada do pátio de Feira de Beberibe.
Fonte: arquivo pessoal

Etapa II – Planejamento operacional: elaborado por agentes municipais e estaduais, em reuniões de alinhamento e confecção de ordem de serviço com a descrição da operação e as responsabilidades de cada agente público.

Etapa III – Execução: no dia 20 de janeiro de 2013 as equipes da Geop/Dircon e Emlurb realizaram a demarcação dos lotes no pátio da feira e montagem de 150 bancos locados pela prefeitura.



Figura 17: Demarcação dos lotes e montagem das bancas de feira na área destinada a acomodação dos feirantes. Fonte: arquivo pessoal

Em janeiro de 2013 foi realizada uma operação integrada de revitalização, coordenada pela Semoc com a participação dos órgãos descritos anteriormente, sendo a remoção dos feirantes/ambulantes realizada obedecendo a seguinte sequência:

- Rua lateral do mercado (pertencente ao Mercado Público de Beberibe);
- Demais ambulantes instalados em logradouro público;
- Área defronte à Cobal (fiteiros).

Durante o processo de retirada dos feirantes também foram desmontadas as barracas/bancas e encaminhadas à residência dos proprietários (endereço indicado por eles). Os equipamentos abandonados foram levados ao depósito municipal.

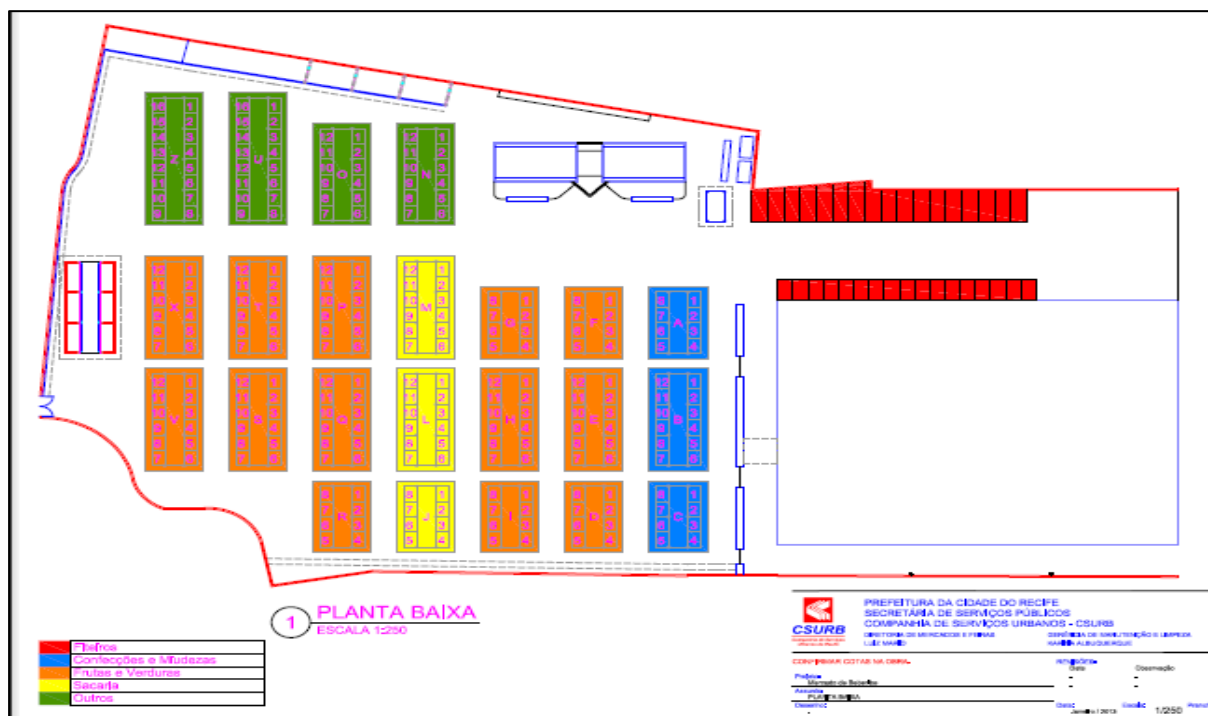
Durante o processo de reordenamento dos feirantes nos bancos da feira foram

alocados 50 ambulantes, organizados de acordo com o produto comercializado. Muitos dos ambulantes identificados no levantamento social se recusaram a ir para o pátio da feira, migrando para a área pertencente à Prefeitura Municipal de Olinda.



Figuras 18 e 19: Retirada de barracas da rua lateral (acesso) do Mercado público de Beberibe.
Fonte: arquivo pessoal

Etapa IV – Manutenção: Após a relocação dos ambulantes/feirantes uma equipe da prefeitura permaneceu no local de forma a promover a manutenção da área. Para a manutenção pós-operação foi implantada, inicialmente, uma escala diária com a presença de uma equipe de fiscalização formada por 12 agentes operacionais e 02 fiscais.



Legenda
 Área azul - miudezas e roupas
 Área laranja - frutas e verduras
 Área amarela - sacaria
 Área Vermelha - serviços (barracas em metal)
 Área Verde - outros

Figura 20: Distribuição dos comerciantes por tipo de produto/serviço. Fone: arquivos Csurb (s/d)

5.3 LEVANTAMENTO SOCIOECONÔMICO

O levantamento socioeconômico inicial foi realizado com todo o comércio informal localizado em logradouro público (calçadas, faixas de rolamento e a praça da convenção) que direta ou indiretamente interferiam na mobilidade. Durante a coleta de dados foram realizados o cadastramento dos equipamentos fixos (barracas, fiteiros) e móveis (bancos de feira, galeias, caixotes improvisados, lonas, etc.).

Os comerciantes informais com equipamentos móveis foram agrupados em dois tipos: tipo 1 - montavam e desmontavam as barracas diariamente e 2 - montavam e desmontavam apenas em dias de pico (sextas e sábados). Ambos trabalhavam sem nenhuma infraestrutura de

higiene e as condições eram comprometidas pela ausência de estrutura para realizar assepsia das mãos e dos produtos durante a manipulação das mercadorias (frutas, verduras e outros itens alimentares).

Semanalmente, nas sextas e sábados, a distribuição das barracas no logradouro público comprometia as atividades de limpeza pública das vias (varrição e coleta), que só podiam ser realizadas ao final da feira do sábado.

Dentre os equipamentos instalados em logradouro público foram contabilizados 26 (vinte e seis) fiteiros em frente à Escola Pedro Celso (Figura 21). Os outros equipamentos (bancos de feira, carroças/carros de mão, lonas) estavam dispostos em vários outros locais.



Figura 21: Fiteiros defronte a Escola Pedro Celso antes do processo de remoção.
Fonte: [G1 - No Recife, barracas e fiteiros serão retirados do entorno de escolas - notícias em Pernambuco \(globo.com\)](#)



Figura 22: Áreas ocupadas pelos comerciantes cadastrados antes da ação de ordenamento.
Fonte: google maps (editado)

Durante o processo de ordenamento realizado em 2013 foram cadastrados 123 ambulantes entre feirantes, vendedores de importados etc.

5.3.1 Perfil socioeconômico dos comerciantes

Em 2016 foi realizado um novo levantamento dos comerciantes da Feira Livre de Beberibe. Foram entrevistados apenas os comerciantes titulares remanescente e com autorização de funcionamento, num total de 19 pessoas. Desse total 17 pessoas (90% da amostra) são remanescentes do levantamento realizado em 2013.

Para a análise serão considerados apenas o questionário aplicado em 2016 por ter uma abordagem quali-quantitativa.

Foi constatado que os comerciantes informais são, em sua maioria, residentes de Recife (63%), porém residem também em outras duas cidades da região Metropolitana, Olinda (32%) e Jaboatão (5%).

A grande maioria dos comerciantes/feirantes (84%) é do sexo masculino. Mas, apesar da predominância de homens na “administração” das atividades financeiras, de abastecimento e venda direta são delegadas as mulheres as atividades de manutenção,

preparação do material para a venda e limpeza dos equipamentos.

Entre os feirantes entrevistados a idade variou entre 42 e 89 anos, onde 37% têm idade entre 40 e 49 anos; 16% entre 50 e 59 anos; 31% tem 60 anos ou mais e 16% não quiseram responder.

A maioria dos feirantes titulares são casados (74%), porém existem também os solteiros/as (10,5%), viúvos/as (5%) e um percentual que não declarou seu estado civil (10,5%).

Em relação ao grau de escolaridade, um total de 11% dos feirantes não são alfabetizados, 32% possuem ensino fundamental incompleto, 16% possui ensino fundamental completo, 32% possui ensino médio completo, 5% possui ensino superior incompleto e 5% não respondeu. Um dos feirantes que possui ensino superior incompleto também é servidor público estadual e exerce, paralelamente, suas atividades na feira livre para a complementação de sua renda.

Aproximadamente metade dos feirantes (42%) comercializam na feira todos os dias, 11% comercializam três (03) dias, 16% comercializam dois (02) dias e 11% comercializam apenas um (01) dia. Outros 15% dos feirantes participam da feira durante períodos que varia de quatro, cinco e seis dias, cada dia com 5% de participação. E 5% dos feirantes não possuem frequência regular na feira, participando de forma aleatória em dias não preestabelecidos. Um percentual de 16% dos feirantes que não comercializam diariamente frequenta outras feiras durante a semana, seguindo os padrões antigos onde as feiras funcionavam em dias específicos da semana. Não existe uma forma indireta de concorrer com a instalação de redes de supermercados e quitandas em estabelecimentos formais, aumentando a concorrência. Essa disputa por clientes é ainda mais dificultada pelo fato de os comércios do entorno trabalharem em horários ampliados e ofertarem serviços de facilitação de entrega de compras e facilidade de crédito (utilização de cartões de crédito e débito).

Do total de feirantes que não participam diariamente da feira, apenas 21% realizam atividades diárias relacionadas a feira. São atividades de compra e transporte de mercadoria, pagamentos a fornecedores e coleta e preparo de produtos para comercialização.

Quanto ao exercício de outras atividades, 84% não possui outra atividade remunerada além da feira livre de Beberibe e 16% possuem outro tipo de atividade remunerada (um dos entrevistados informou possuir vínculo empregatício, é servidor público estadual).

Em relação ao tempo cronológico que se dedicam a comercialização em feira livres, um número muito pequeno (11%) possui até 10 anos de feira livre, 26% possuem entre 11 e 20 anos, 21% de 21 a 30 anos de atividade, 26% possuem de 31 a 40 anos e 16% possui mais

de 40 anos de feira livre, mostrando que apesar de poucas pessoas instaladas há uma tradição que atravessa décadas, mantendo este espaço de comercialização ainda vivo apesar de todas as pressões incidentes sobre ela. Não observamos a presença de jovens nas barracas, ajudando os familiares como é comum em outras feiras, o que traz preocupação acerca do seu funcionamento futuro e manutenção da oferta de produtos e serviços tradicionais, a exemplo da venda de produtos tradicionais de feira livre.

Muitos feirantes (47%) possuem pontos de comércio que foram repassados por seus pais, tendo toda a sua prática de trabalho na feira influenciada desde sua adolescência, como pode ser observado na fala dos entrevistados:

“Minha família era de agricultores e eu era agricultor desde pequeno, daí sempre fui da feira. Estou trabalhando vendendo na rua, e agora aqui, desde 1950.”

“Minha família sempre trabalhou na feira”

“Meu pai me trazia pra ajudar e daí continuei o trabalho dele depois.”

“Trabalho na feira desde criança.” (apesar de ser funcionário público do estado – grifo nosso)

Um percentual menor (37%) trabalham na feira como solução ao desemprego, como destacado na fala de um dos entrevistados. ocasionado pela baixa escolaridade da maioria dos feirantes, como já discutido, assim como pela idade avançada da maioria deles.

“Vim do interior para trabalhar com meu irmão, aí após a loja dele ser assaltada ele fechou o estabelecimento e eu comecei a trabalhar na feira porque não consegui serviço”

“Quando era mais nova trabalhava em uma boutique (durante 36 anos). Após trabalheina minha casa vendendo roupas durante oito anos e depois vim para a feira onde estou a 16 anos direto!)

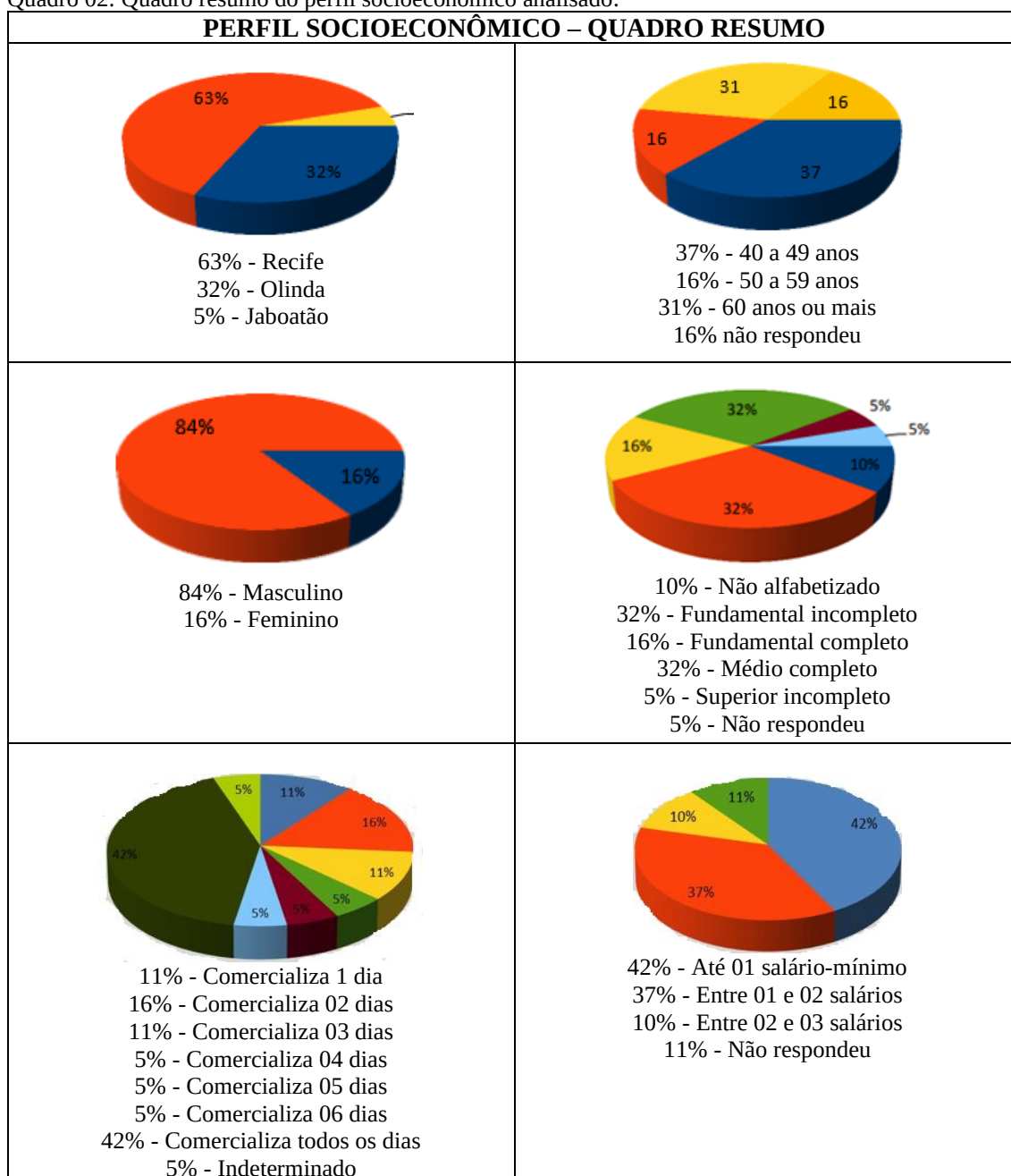
“Eu trabalhava na Antártica e bebia muito por isso. Aí eu pedi uma vaga de torneiro mecânico lá e me aconselharam a pedir demissão, mas não pedi. Fui demitido depois, mas nessa época já vendia relógio e estou vendendo até hoje.”

Apenas 16%, trabalha na feira porque gosta do ramo de atividade. Esse grupo conquistou o espaço no comércio e estão satisfeitos com o que escolheram para sua vida por afinidade com o ramo informal, pela ausência de burocracia e da relação entre patrão-empregado, pela sensação de liberdade apesar da ausência de garantias sociais decorrentes da informalidade.

“Aqui eu trabalho do jeito que eu quero, 'abro as portas' quando quero moça, aqui eu não tenho chefe.”

Aproximadamente metade dos feirantes (42%) tem renda média mensal de até 01 (um) salário-mínimo, com o agravante da maioria dos feirantes não possuírem outra ocupação remunerada. Dos entrevistados, 37% possuem renda compreendida entre 1 e 2 salários-mínimos, 10,5% recebem entre 2 e 3 salários e outros 10,5% não responderam justificando não ter controle de caixa em seu negócio (sua organização financeira se baseia na reposição de mercadoria sem um controle fixo e retirada de uma parte para subsistência). Esses últimos tem a necessidade pelo menos de vender seus produtos para gerar um mínimo de capital de giro que manterá o funcionamento do seu ponto, além de sua subsistência minimamente.

Quadro 02: Quadro resumo do perfil sócioeconômico analisado.



Dentro desse cenário de organização trabalhista não oficial, a baixa renda trás uma insegurança pois apesar de ter sua importância para o abastecimento alimentar local, principalmente nas periferias, é muito precária em relação à garantias para o feirante.

Propriedade do equipamento

A maioria dos comerciantes (63%) possuem equipamento próprio utilizado para a comercialização de seus produtos e tem o lucro como principal fonte de renda para o sustento da família. Aqueles que não possuem equipamento próprio utilizam barracas de zinco que foram cedidas pela Prefeitura do Recife e não podem ser modificadas e/ou comercializadas (vendidas). Esses equipamentos foram destinados à acomodar os comerciantes instalados em logradouro público, em especial aos localizados na calçada da Escola Estadual Pedro Celso, cujas barracas/fiteiros não autorizados foram retirados em cumprimento a Lei Estadual nº 10454/90, que determina a retirada de comércio irregulares em um perímetro de 100 metros de colégios estaduais e municipais e, também, com o intuito de garantir a acessibilidade da área, pois o comércio desordenado praticamente obrigava os transeuntes a circular na faixa de rolamento, expostos a acidentes.

Produtos comercializados

Os produtos comercializados na feira foram organizados por gênero, com predomínio do alimentício (47%), seguido pela prestação de serviços (27%), confecção/tecido (10%) e outros (16%).

No gênero alimentício predominou o comércio de frutas e verduras (27%) e no grupo outros, foram agrupados o comércio de fumo, artigos para criação de pássaros e o artigos para fiteiros.

Mesmo com o universo de feirantes bastante reduzido se observa uma grande variedade de produtos podendo ser esse um dos fatores que promovem a existência (ou resistência) da feira mesmo com a chegada de supermercados no local.

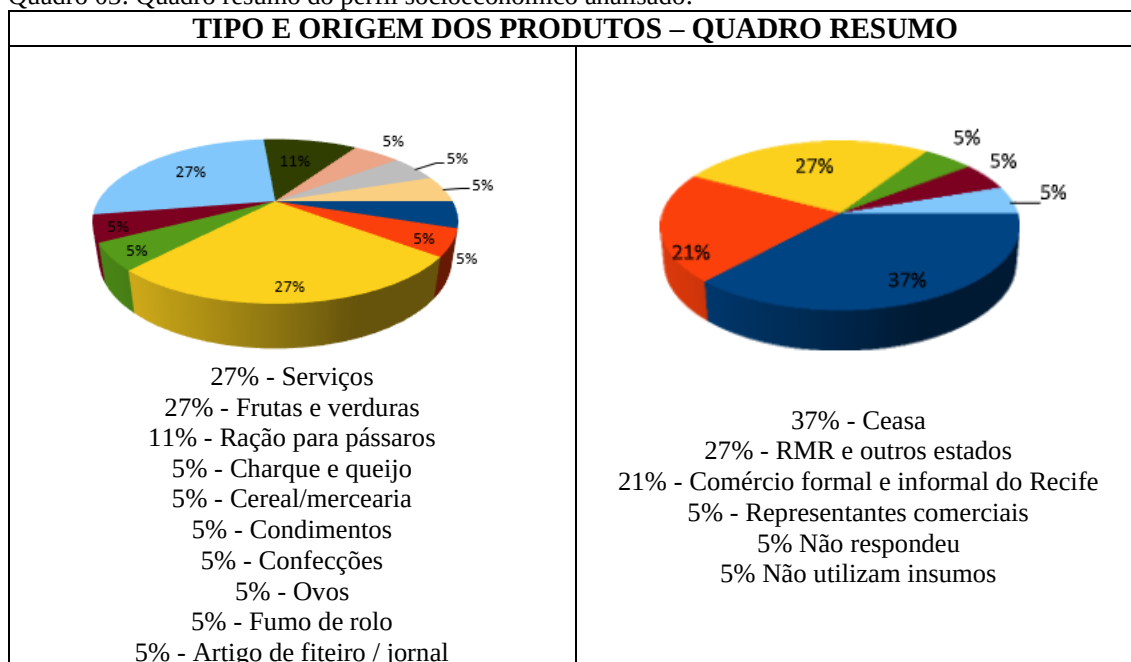
Origem dos produtos

São oriundos dos seguintes locais: aproximadamente um terço dos produtos comercializados na feira (37%) são oriundos da Ceasa (frutas e verduras, material para pássaros e condimentos) permanecendo estocado nos bancos de feira. Apenas 21% são

adquiridos em estabelecimentos formais e equipamentos públicos (bombonieres, supermercados, mercados públicos, camelódromo etc); 26% são adquiridos em cidades da Região Metropolitana de Recife (Camaragibe), outras cidades (Glória de Goitá, Vitória, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Arcoverde) e até em outro estado (Fortaleza); 5% é entregue no local por distribuidores; 5% não respondeu e; 5% não utilizam insumos, prestando o serviço e conserto e manutenção de equipamentos.

Grande parte desse material é estocado após o horário de vendas no próprio pátio de feira em equipamentos específicos (barracas de zinco e/ou baús) ou nos próprios bancos de feira. Produtos perecíveis e/ou fáceis de transportar (como a charque/queijo e o fumo de rolo) são transportados diariamente pelos comerciantes que armazenam em sua residência.

Quadro 03: Quadro resumo do perfil sócioeconômico analisado.



Comércio antes do ordenamento

A grande maioria dos feirantes informais (68%) são oriundos de outras áreas públicas invadidas pelo comércio irregular e que foi realocado durante o processo de ordenamento iniciado em 2013. Os outros 32% são oriundos do próprio pátio de feira. Dentro desse conjunto encontram-se os 19 feirantes que hoje estão no local, formados pelos que já estavam no pátio de feira e pelos que vieram da rua, logo a evasão não foi proporcionada apenas pela inadequação dos comerciantes informais a um espaço confinado.

Antes do ordenamento realizado em 2013 a proporção era praticamente a mesma, com a grande maioria dos comerciantes informais (73%) instalados em áreas públicas e em outros

locais invadidos e 27% já estavam instalados no pátio de feira de Beberibe.

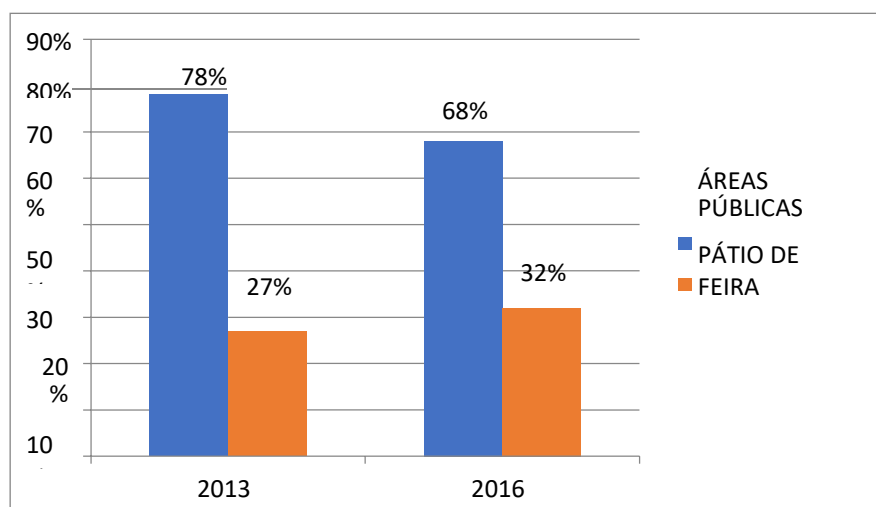


Figura 23: Local onde trabalhava antes do ordenamento (2013) e após (2016)

Mudanças econômicas no comércio após o reordenamento

Após a mudança para o pátio de feira livre constatou-se que 16% não sentiu mudança na sua renda após o ordenamento:

“Nem aumentou nem diminuiu”

Cabe salientar que existem comerciantes que já estavam no pátio de feira, não identificamos dessa forma a localização como um fator determinante para esse grupo.

Já 63% dos entrevistados afirmam que a renda diminuiu, fato que ocorreu segundo os próprios feirantes pela nova localização não tão visível quanto da ocupação do logradouro e porque o ordenamento não foi feito na área de Olinda, o que faz muitos consumidores continuarem comprando na rua pela “facilidade” em vez de frequentar o pátio de feira.

“Diminuiu muito porque eu fiquei na parte de trás da feira com as outras vendedoras.” (sulanca)

“Porque não ter estrutura e também porque não fizeram o trabalho (ordenamento: grifonosso) na parte de Olinda também.”

“A mudança me deixou escondida, muita gente na frente”

Outros 21% afirmam que a renda aumentou.

“Diminuiu a quantidade de pessoas (na rua)”

Implicitamente, através da análise das questões 20 e 21, detectamos que a segurança trazida com o ordenamento das ruas e consequentemente do trânsito foi um dos fatores que

levaram ao aumento da renda dessas pessoas.

As condições de trabalho (estrutura física) após o ordenamento

A maioria dos feirantes/comerciantes (74%) afirmaram que houve diferença na estrutura que utilizavam antes do ordenamento: eles passaram a ter mais espaço, melhor estrutura de bancos e maior segurança tanto relacionada a exposição ao intenso fluxo do trânsito no local (principalmente com relação a atropelamentos) quanto a roubos e furtos ocasionais (principalmente no setor de venda de relógios e oferta de serviços, por possuírem equipamentos de trabalho caros).

“Sim. Melhorou a aparência do local e a mobilidade da

área” “Melhorou com a instalação da cobertura fixa”

“Mais amplo, agora trabalho em bancos de feira, antes meu material era disposto no

chão.” “Aqui é mais seguro, tenho material caro na barraca”

“Mais espaço e estrutura de bancos”

“Organização das bancas, retirada dos ambulantes externos reduziu a

concorrência” “Seguro em relação ao fluxo de carros”

“A estrutura”

Indiretamente, a retirada dos ambulantes da área externa, logradouro público, reduziu a concorrência aos instalados no pátio e um feirante/comerciante acha que a estrutura física piorou.

“Sim. Piorou a estrutura.”

“Sol, chuva de vento” (essa mesma pessoa coloca como ponto positivo a segurança). Os outros (26%) acham que não houve mudança.

Obs.: não houve relatos nesse quesito

Tabela 01: Quadro resumo das condições de trabalho obtidas após o ordenamento

CONDIÇÕES DE TRABALHO	
Sim	Não
14	05

A percepção do ordenamento

Verificamos que 37% declaram que o ordenamento foi bom para o andamento da

feira, enquanto outros 37% achou ruim. Para 21% não houve diferença e outros 5% não opinaram. Para aqueles que afirmaram que o ordenamento foi positivos foram apontadas melhoria no trânsito com a desobstrução de ruas e calçadas, melhorias também a aparência do local, redução a exposição dos trabalhadores a poeira e ao risco de atropelamento. Para a parcela que achou o ordenamento ruim a questão principal foi a diminuição da clientela.

Pontos positivos:

“Foi bom, diminuiu o risco (poeira e carros). Já houve até acidentes, inclusive.”

“Bom porque se deixar ele ocupa todos os espaços em detrimento dos espaços públicos.” “Bom pela melhora do trânsito e a retirada das pessoas das ruas e calçadas.” “Organização das bancas, retirada dos ambulantes externos reduziu a concorrência” “Melhorou a aparência do local e a mobilidade da área”

Pontos negativos:

“Ruim. Teve queda dos clientes e a posição da feira atrás” “Fez cair o movimento.”

“Ruim, não temos estrutura” “Ruim, caiu o movimento”

Indiferente:

“Não fez diferença”

Tabela 02: Percepção do ordenamento realizado após a remoção dos comerciantes das áreas de entorno.

PERCEPÇÃO DO ORDENAMENTO REALIZADO			
Ruim	Bom	Não fez diferença	Não respondeu
07	07	04	01

Cientes

Um terço dos comerciantes (32%) possui clientes provenientes exclusivamente do bairro de Beberibe, enquanto 42% possuem clientes de bebribe e de outros bairros. Foi observado durante a pesquisa que muitos clientes frequentam à feira a procura de distração, com uma rotina quase de visita a velhos amigos.

Esse viés do passeio na feira é explorado pelos feirantes e aparentemente é o que faz a feira ter sustentação, visto a grande pressão causada pela concorrência (supermercados, quitandas, mercearias) que é “combatida” com a manipulação quanto ao funcionamento dos

preços (pechinchas) e à publicidade feita de uma forma não vista em nenhum outro local.

Essa tendência observada na discussão acerca da origem dos clientes é observada também na questão da fidelização deles. Mais da metade dos clientes são fidelizados (63%), o que promove uma segurança relativa a uma boa parte dos comerciantes. Um pequeno percentual dos clientes são esporádicos (5%) e aproximadamente um terço são um misto de fidelizados e esporádicos.

Quanto a forma de pagamento em comparação a origem dos clientes a maioria deles (74%) é composta pela população de Beberibe e bairros do entorno (relativo a soma dos percentuais “Beberibe” e “Beberibe e outros bairros”, vide gráfico: origem dos clientes), clientela proveniente de uma relação de convivência e confiança, o que justifica o uso da caderneta para anotação dos “fiados” (63%), prática em crescente desuso em outros locais de comércio. Não se faz, de forma exclusiva, uso na feira de cartões de crédito e débito (um dos principais fatores que fazem esses comerciantes perderem espaço para as redes de supermercados e, até mesmo, pequenas quitandas e armarinhos). Mesmo tendo consciência dessa deficiência poucos feirantes possuem planos de aquisição de maquinetas de cartão, tendo eles a associação de que isso trará um custo adicional alto e não como meios de concorrer para o crescimento do seu comércio.

Organização da feira

Do total de entrevistados, 11% consideram a feira ótima, 32% boa, 47% regular e 10% acham a feira ruim.

No grupo que considerou a feira ótima, o discurso dos entrevistados está relacionado a questão do padrão de distribuição das bancas. Isso se destacam algumas falas:

“Está boa pelo jeito que colocaram as bancas dos feirantes”

“Organização das bancas”

Para os entrevistados que consideram a feira boa (32%) essa melhora decorre da melhor estrutura física encontrada no pátio de feira e a maior segurança por se tratar de local com local para guarda do material comercializado e portaria funcionando diuturnamente.

“Segurança para as mercadorias”

“No geral é bom, exceto pela presença de usuários de drogas” (entrevistado)

Dos que consideram a feira regular (47%) o que falta é uma limpeza mais efetiva, menor espaço para a comercialização e má localização e a presença de usuários de drogas. Quanto ao quesito limpeza, pela grande quantidade de equipamentos públicos de

abastecimento existentes em Recife não existem funcionários fixos para essa atividade, apenas equipes de manutenção e varrição cabendo ao próprio feirante manter seu espaço de comercialização limpo (lembrando que a atividade de venda de hortifruti gera uma grande quantidade de resíduos).

*“Quando o produto é exposto na avenida é diferente, pois agora está escondido”
(entrevistado) “Falta de limpeza no pátio”*

*“Sol, chuva, espaço
menor(...)” “Organização
das bancas”*

*“A feira não recebe a devida atenção do poder
público” “Presença de viciados”*

A presença de drogados se deve ao fato do pátio de feira e mercado serem ambientes públicos de circulação, não podendo essas pessoas serem impedidas de adentrar. Outro ponto a ser levado em consideração é que durante o dia um dos portões localizados no fundo do mercado serve como servidão de passagem a comunidade, sendo muitas vezes rota de acesso a esse tipo de atividade ilícita, assim como de pessoas alcoolizadas.

Dos que acham a organização da feira ruim não há falas (não soube descrever)

Tabela 03: Organização da feira após o ordenamento, segundo os feirantes.

ORGANIZAÇÃO DA FEIRA				
Ruim	Regular	Boa	Ótima	Não respondeu
01	09	06	02	01

5.3.2 Sugestões de melhorias

Quando questionados sobre as possíveis melhorias para a feira os entrevistados elencaram várias questões, porém com a grande maioria a ser desenvolvidas pelo poder público o que demonstra a falta de consciência desses atores quanto ao seu protagonismo junto a manutenção da ordem dos espaços públicos ocupados. As sugestões foram agrupadas conforme quadro abaixo:

Quadro 04: sugestões de melhoria propostas pelos comerciantes entrevistados em 2016.

CATEGORIAS	SUGESTÕES	VIABILIDADE DE IMPLANTAÇÃO
Recursos humanos	Aumentar o número de funcionários para manutenção e limpeza	—
Melhorias estruturais (manutenção)	Modificações estruturais no mercado, assim como promover uma reforma geral Reformar os bancos Melhorar a iluminação	Sim

Melhorias estruturais (ordenamento)	Remoção dos bancos desativados e reorganização dos mesmos; Colocar todos os feirantes na frente do mercado para melhor exposição dos seus produtos	A realocação para a frente do mercado neutralizaria o trabalho de reordenamento realizado.
Segurança pública	Aumentar a segurança	Sim
Relacionamentos interpessoais	Mais união entre os feirantes	Sim. Através de um trabalho contínuo de conscientização realizado pela gestão.
Gestão	Criar atrativos para a movimentação da feira livre; Estender o horário de funcionamento; Ter maior variedade no comércio existente no pátio de feira para atrair mais clientes Restringir o uso do banheiro público (por causa da depredação) Serem mais ouvidos pela administração; Ter mais pessoas vendendo para diversificar o comércio.	Sim, porém o horário de funcionamento requer a contratação de novas equipes. Tem que se levar em conta o custo-benefício Uma maior variedade poderá ser obtida através da mudança de costumes dos próprios feirantes. A visão comercial deles ainda é muito atrelada a antigas práticas

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, R. L. S. **Os instrumentos de “resistência” da Feira Livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial**. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 03, nº 01, 2014.

IBGE. **Recife: Historia e Fotos**. Fonte: [IBGE | Cidades@ | Pernambuco | Recife | História & Fotos](#). Acesso: nov. 2018.

MIRANDA, G. M. S. **A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)**. Recife: O Autor, 2009.

PINTAUDI, S. M. **Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana**. Disponível em: [OS MERCADOS PÚBLICOS: METAMORFOSES DE UM ESPAÇO NA HISTÓRIA URBANA | Maria Pintaudi | Revista Cidades \(unesp.br\)](#). Acesso: nov. 2018.

RECIFE. **Gestão Ambiental do Recife: Espaços Livres do Recife**. Disponível em: [Meio Ambiente \(recife.pe.gov.br\)](#). Acesso: dez. 2016.

RECIFE. **Historia**. Disponível em: [História | Prefeitura do Recife](#). Acesso: out. 2018.

RECIFE. Decreto nº 25.210 de 28 de abril de 2010. **Dispõe sobre o funcionamento e a administração dos Mercados Públicos, Centros Comerciais e Equipamentos Especiais de Comercialização do Município do Recife**. Diário Oficial do Recife: Edição 47, 29 de abr. de 2010.

RECIFE. **O Recife – Histórias de uma cidade**. Disponível em: [O Recife - Histórias de uma cidade](#). Acesso: nov. 2018.

ROSAL, R. L. G. **Os espaços públicos centrais na estruturação Urbana do Recife**. Campinas: PUC-Campinas, 2008.

SOUZA, C. R. **As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação**. Disponível em: [AS FEIRAS LIVRES COMO LUGARES DE PRODUÇÃO COTIDIANA DE SABERES DO TRABALHO E EDUCAÇÃO POPULAR NAS CIDADES: ALGUNS HORIZONTES TEÓRICOS E ANALÍTICOS NO CAMPO TRABALHO-EDUCAÇÃO | Revista Trabalho Necessário \(uff.br\)](#). Acesso: 08 jan. 2022.

VOZES DA ZONA NORTE. **O secular bairro de Beberibe, 2014**. Destina-se a informar fatos curiosos e relevantes relacionados a Pernambuco e principalmente da Zona Norte do Recife e Olinda. De povo batalhador, cultura expansiva e história esquecida. Disponível em: < [vozes da zona norte: O secular bairro de Beberibe\(Recife\)](#)>. Acesso: 14, mar. De 2017)

APÊNDICE 01: Perguntas utilizadas no levantamento de dados

- q1: Nome
- q2.1: Endereço (bairro)
- q2.2: Endereço (cidade)
- q3.1: Sexo
- q3.2: Idade
- q4: Estado civil
- q5: Escolaridade
- q6: Quantidade/tipo de equipamento
- q7: É proprietário de equipamento
- q8: A banca é alugada?
- q9: Se sim, quanto (mês)
- q10: Tipo de produto
- q11: Qual a origem dos produtos que comercializa na feira?
- q12: Dias em que comercializa na feira
- q13: Nos dias em que não vendem na feira livre realiza alguma atividade relacionada a esse comércio? se sim, qual?
- q14: Nos dias em que não vendem na feira livre realiza alguma outra atividade remunerada (formal ou informal)? se sim, qual?
- q15: Tempo de exercício
- q16: Número de pessoas que trabalham na banca
- q17: Motivo que o levou a trabalhar na feira
- q18: Local onde comercializava antes do ordenamento realizado em 2013
- q19: Houve mudança em sua renda após o ordenamento?
- q20: Suas condições de trabalho (estrutura física) mudaram após o ordenamento?
- q21: O que mudou?
- q22: O ordenamento foi bom, ruim ou não fez diferença? por quê?
- q23: Sua localização (posição) na feira é a mesma definida durante o processo de ordenamento?
- q24: Se não, qual foi o motivo da troca de posição?
- q25: Renda mensal (atual)
- q26: Origem dos clientes
- q27: Forma de pagamento utilizada pelos clientes
- q28: São clientes esporádicos
- q29: Percepção sobre a organização da feira
- q30: Por quê?
- q31: Sugestões para a melhoria da feira